

VOZES NEGRAS NAS ESCOLAS TRADICIONAIS: IDENTIDADE E DIVERSIDADE EM MT

Cleusa Albilia de Almeida¹
Cristóvão Domingos de Almeida²
Acimar da Costa Magalhães³
Viviane dos Santos Almeida⁴

RESUMO

O projeto “Vozes Negras” propõe-se a promover a inclusão e valorização da diversidade étnico-racial nas escolas estaduais e municipais de Comunidades Tradicionais de Mato Grosso, por meio da implementação de uma educação antirracista em conformidade com a Lei 10.639/03, atualizada pela lei 11.645/08. A iniciativa baseia-se em referenciais teóricos que discutem a educação das relações étnico-raciais e os direitos humanos, como Gomes (2005), Munanga (2006) e Ribeiro (2017), e adota uma abordagem metodológica qualitativa, participativa e interdisciplinar. As ações pedagógicas desenvolvidas incluem rodas de conversa, oficinas, palestras e atividades integradas que abordam questões de identidade, pertencimento, resistência e a valorização das contribuições históricas e culturais dos povos negros, indígenas e quilombolas. O projeto também promove reflexões críticas sobre as estruturas de poder, racismo e desigualdade social, estimulando uma prática docente comprometida com a equidade. A participação ativa de professores, estudantes e membros das comunidades fortalece o intercâmbio de saberes e experiências, ampliando a construção coletiva do conhecimento. Os principais resultados indicam um avanço na conscientização sobre as temáticas étnico-raciais no ambiente escolar, o fortalecimento dos vínculos entre escola e comunidade e a criação de uma rede colaborativa entre as instituições envolvidas. Assim, a proposta contribui para o desenvolvimento de uma educação mais inclusiva, representativa e plural, que respeita e valoriza as identidades culturais presentes no território escolar.

Palavras-chave: Educação antirracista, Diversidade Cultural, Comunidades tradicionais, Lei 11.645/08, Identidade étnico-racial.

Introdução

A sociedade brasileira é marcada por profundas desigualdades sociais e raciais que se refletem nos mais diversos espaços, inclusive na educação. As práticas discriminatórias, muitas vezes naturalizadas no cotidiano escolar, ainda representam um desafio para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva e comprometida com os direitos humanos. Nesse contexto, torna-se fundamental desenvolver projetos e ações que

¹ Doutora e professora do IFMT - campus São Vicente, albilialmeida@ifmt.edu.br;

² Doutor e professor da Universidade Federal de Mato - UFMT, cristovaoalmeida@gmail.com;

³ Mestre e doutorando da UFMT - campus Cuiabá, acimarmagalhaes@gmail.com;

⁴ Professora do IFMT - campus São Vicente, santos.a@colaborador.ifmt.edu.br.



promovam a valorização da diversidade cultural e étnico-racial, enfrentando o racismo estrutural e garantindo a efetivação de políticas públicas já previstas em lei.

O projeto “Vozes Negras” insere-se nesse cenário como uma proposta educativa que visa promover a inclusão e valorização da diversidade étnico-racial nas escolas estaduais e municipais localizadas em comunidades tradicionais do estado de Mato Grosso. Fundamentado na Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, e na Lei nº 11.645/2008, que amplia a obrigatoriedade para incluir também a temática indígena, o projeto busca materializar na prática pedagógica os princípios de uma educação antirracista.

A iniciativa está ancorada em referenciais teóricos que discutem a educação das relações étnico-raciais, como Gomes (2005), Munanga (2006) e Ribeiro (2017), além de dialogar com os direitos humanos e com as políticas educacionais voltadas para a equidade. Por meio de uma abordagem qualitativa, participativa e interdisciplinar, são desenvolvidas atividades como rodas de conversa, oficinas, palestras e ações culturais que estimulam a reflexão crítica sobre identidade, pertencimento, resistência e valorização das contribuições históricas e culturais de povos negros, indígenas e quilombolas.

Este artigo tem como objetivo apresentar o percurso do projeto “Vozes Negras”, discutindo seus fundamentos, metodologias, resultados e contribuições para o fortalecimento de uma educação plural, representativa e inclusiva nas comunidades tradicionais de Mato Grosso.

Referencial Teórico: Educação antirracista e legislação educacional

A educação antirracista no Brasil encontra respaldo legal a partir da promulgação da Lei nº 10.639/2003, que incluiu no currículo oficial da educação básica a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Essa legislação representa um marco no reconhecimento da contribuição da população negra para a formação da sociedade brasileira e na valorização da diversidade cultural.

Posteriormente, a Lei nº 11.645/2008 ampliou esse escopo ao incluir também a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura dos povos indígenas, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais ampla das questões étnico-raciais no espaço escolar. Ambas as legislações têm como objetivo combater o racismo e promover uma educação que respeite as diferenças, reconhecendo as identidades culturais presentes no país.

De acordo com Gomes (2005), a implementação de uma educação antirracista vai além do cumprimento formal da legislação, exigindo uma mudança estrutural nas práticas



pedagógicas e na formação docente. Para a autora, o enfrentamento ao racismo no espaço escolar deve ser entendido como um compromisso ético e político com a transformação social.

Contribuições teóricas para a educação das relações étnico-raciais

Kabengele Munanga (2006) argumenta que a educação brasileira historicamente reproduziu uma visão eurocêntrica, invisibilizando a contribuição dos povos africanos e indígenas. Nesse sentido, a adoção de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural é fundamental para romper com estigmas e preconceitos que perpetuam desigualdades.

Já Ribeiro (2017) destaca a importância da representatividade no processo educacional, defendendo que os estudantes precisam se reconhecer nos conteúdos ensinados e nas figuras históricas apresentadas. A ausência dessa representatividade, segundo a autora, contribui para a marginalização simbólica e social de grupos historicamente discriminados.

Dessa forma, o projeto “Vozes Negras” se apoia em uma perspectiva crítica e emancipatória, entendendo a educação como um espaço de resistência e de construção de identidades positivas.

Educação, diversidade e direitos humanos

A promoção da diversidade cultural nas escolas também está alinhada aos princípios dos direitos humanos, que preconizam a igualdade, a dignidade e o respeito às diferenças. A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e a Declaração de Durban contra o Racismo (2001) reforçam o compromisso internacional com o enfrentamento ao racismo e a valorização da diversidade.

No Brasil, a educação das relações étnico-raciais é parte integrante das políticas públicas de promoção da igualdade racial, sendo entendida como um instrumento essencial para a superação de práticas discriminatórias e para a construção de uma sociedade mais justa.

Metodologia

O projeto “Vozes Negras” adota uma abordagem metodológica qualitativa, participativa e interdisciplinar, em consonância com os princípios de uma educação crítica



e emancipatória. A pesquisa qualitativa é apropriada para compreender as experiências, valores e significados atribuídos pelos sujeitos ao seu contexto social e cultural. Conforme Minayo (2014, p. 21), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações e dos processos humanos. Essa abordagem permite que o projeto explore as narrativas e as expressões culturais das comunidades negras, quilombolas e indígenas de forma sensível e contextualizada.

O caráter participativo constitui um eixo central da proposta, pois a construção do conhecimento é feita de forma coletiva e dialógica, com o envolvimento ativo de estudantes, docentes e comunidades locais. De acordo com Thiollent (2011, p. 17), a pesquisa-ação participativa implica uma relação estreita entre pesquisador e participantes, com vistas à transformação da realidade investigada. Assim, o Vozes Negras estimula o protagonismo dos sujeitos, valorizando o saber comunitário e o diálogo como ferramentas de aprendizagem e emancipação.

Para promover essa participação, o projeto desenvolve oficinas temáticas voltadas à valorização da ancestralidade e das expressões culturais afro-brasileiras e indígenas, como oficinas de contação de histórias, confecção de bonecas negras, bordado e crochê afro, produção de arte em tecido e escrita criativa. Essas ações têm caráter formativo e vivencial, e aproximam os saberes tradicionais das práticas pedagógicas.

As rodas de conversa e o luau Vozes Negras são metodologias que fortalecem o diálogo intercultural e a troca de experiências entre estudantes, professores e membros das comunidades. Inspiradas na pedagogia freireana, essas atividades partem da escuta e da palavra como meios de construção do conhecimento. Para Freire (1996, p. 67), ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Assim, o projeto cria espaços de convivência, reflexão e reconhecimento da identidade negra, quilombola e indígena, estimulando a consciência crítica sobre o racismo e a valorização das origens.

A dimensão interdisciplinar também é um pilar fundamental. O projeto envolve professores e estudantes de diferentes áreas — História, Sociologia, Língua Portuguesa, Artes e Meio Ambiente —, promovendo a articulação entre saberes científicos e saberes tradicionais. Para Fazenda (2011, p. 15), a interdisciplinaridade constitui um movimento de integração e reciprocidade entre diferentes áreas do saber, com vistas à construção de um conhecimento mais completo e humanizado. Essa integração se manifesta nas práticas pedagógicas, nas produções artísticas e nas discussões realizadas nos encontros formativos.



Como desdobramento das ações, o projeto fomenta a criação de um grupo de pesquisa vinculado ao NEABI (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas) do IFMT – Campus São Vicente. Esse grupo tem como objetivo aprofundar o debate teórico-prático sobre as relações étnico-raciais, sistematizar as experiências vividas e produzir conhecimentos que contribuam para a consolidação de políticas de inclusão e diversidade na instituição.

Desse modo, a metodologia do Vozes Negras articula formação, pesquisa e extensão, criando espaços de escuta, produção cultural e reflexão crítica. Fundamentado na dialogicidade e na valorização dos saberes plurais, o projeto concretiza a proposta de uma educação transformadora e emancipatória, que reconhece a potência das vozes historicamente silenciadas e promove a construção coletiva de novas narrativas.

A opção pela pesquisa qualitativa justifica-se pelo caráter interpretativo e pela busca de compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos ao processo educativo. O caráter participativo valoriza a escuta e o protagonismo dos professores, estudantes e membros da comunidade, estimulando o diálogo e a construção coletiva de saberes.

O projeto é desenvolvido em escolas estaduais e municipais situadas em comunidades tradicionais de Mato Grosso, incluindo populações quilombolas, indígenas e ribeirinhas. Essa escolha busca dar visibilidade a territórios historicamente marginalizados, promovendo o reconhecimento de suas culturas e saberes. Essa diversidade de metodologias possibilita a articulação entre teoria e prática, estimulando o protagonismo dos estudantes e fortalecendo a interação entre escola e comunidade.

Resultados e Discussões

Os resultados observados no desenvolvimento do projeto “Vozes Negras” evidenciam impactos significativos no ambiente escolar e na comunidade. No que refere-se a conscientização étnico-racial, houve um avanço na compreensão crítica dos estudantes sobre o racismo e suas manifestações, bem como na valorização das contribuições históricas e culturais dos povos negros e indígenas. Professores também relataram maior segurança para abordar essas temáticas em sala de aula, superando resistências iniciais.

Já na questão do fortalecimento do vínculo escola-comunidade, percebeu-se que as atividades promoveram a aproximação entre escola e comunidade, possibilitando a troca de saberes e experiências. Lideranças locais participaram ativamente das ações, trazendo



narrativas e vivências que enriqueceram o processo educativo.

E ao pensar-refletir sobre a construção coletiva do conhecimento, evidenciou-se que o caráter participativo e interdisciplinar possibilitou a construção coletiva do conhecimento, rompendo com a lógica tradicional de ensino transmissivo. Estudantes, professores e membros da comunidade atuaram como sujeitos ativos no processo, o que fortaleceu o sentimento de pertencimento e identidade cultural.

E na mesma direção, constatou-se que a criação de redes colaborativas, percebeu-se que o projeto contribuiu para a criação de uma rede colaborativa entre escolas, universidades e instituições parceiras, ampliando o alcance das ações e estimulando a continuidade das práticas pedagógicas voltadas à diversidade étnico-racial.

Na sequência vejamos alguns registros das atividades durante a execução dos projeto. A imagem 1 - Oficina de Trança e suas origens.



Fonte: Acervo da pesquisa - registro em 2025.

As Imagens 2 e 3 registram momentos das atividades realizadas durante o Luau – Vozes Negras, evento que se estendeu ao longo de todo o dia, com ações na parte da manhã, da tarde e encerramento à noite, no campus São Vicente. O Luau foi concebido como um espaço de socialização e celebração das expressões culturais e artísticas das comunidades participantes, favorecendo o diálogo entre música, arte, poesia e identidade. A fotografia destaca a junção simbólica entre o grupo de Fanfarra e os estudantes do projeto, que realizaram um manifesto silencioso contra o racismo e em defesa da liberdade estética e identitária. Esse momento representou a resistência e o desejo de afirmação



dos(as) jovens em poderem usar seus cabelos naturais com orgulho, sem sofrerem intimidações ou imposições decorrentes de padrões eurocêntricos de beleza.



Fonte: Acervo da pesquisa - registro em 2025.

As imagens acima remetem aos objetivos do projeto que quer engajamento dos estudantes nas reflexões-ações sobre a temática antirracista nos ambientes escolares e sobretudo, uma mudança de postura da sociedade que começa também nos espaços educacionais.



Considerações Finais

O projeto Vozes Negras em andamento no IFMT - campus São Vicente reafirma a relevância da implementação de práticas pedagógicas comprometidas com a educação antirracista, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2004) e com os princípios universais dos direitos humanos. A experiência demonstra que a valorização da diversidade cultural e o reconhecimento das identidades negras, quilombolas e indígenas são caminhos indispensáveis para o enfrentamento do racismo estrutural e para a consolidação de uma educação democrática, plural e representativa.

Os resultados obtidos apontam avanços significativos na conscientização étnico-racial entre estudantes, professores e comunidades do entorno do campus, fortalecendo os vínculos entre escola e território. O projeto também possibilitou a construção coletiva do conhecimento e o protagonismo de sujeitos historicamente silenciados, promovendo reflexões sobre identidade, pertencimento e ancestralidade. Nesse processo, a escola assume um papel fundamental como espaço de resistência, diálogo e transformação social, reafirmando o poder da educação como prática de liberdade.

Contudo, ainda persistem desafios estruturais e institucionais, como a necessidade de formação continuada dos educadores, a ampliação de materiais e recursos pedagógicos voltados à temática étnico-racial, e o enfrentamento das resistências que, por vezes, dificultam a efetiva implementação de políticas de equidade racial no cotidiano escolar.

Nesse contexto, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFMT – Campus São Vicente desempenha um papel estratégico e articulador. Por meio da pesquisa, do ensino e da extensão, o NEABI contribui para a formação crítica e intercultural da comunidade acadêmica, promovendo ações que fortalecem a memória, a ancestralidade e o reconhecimento das identidades plurais. A parceria entre o Vozes Negras e o NEABI potencializa a produção de saberes decoloniais e o diálogo entre os conhecimentos científicos e tradicionais, consolidando uma prática educativa comprometida com a equidade racial e a transformação social.

Assim, o projeto “Vozes Negras” representa um passo coletivo e inspirador na construção de uma educação libertadora e antirracista, que rompe com paradigmas excludentes e valoriza as múltiplas vozes que compõem o tecido cultural brasileiro. Como afirma Freire (1996, p. 83), a educação é um ato político, e todo ato político envolve uma



escolha entre a domesticação e a libertação.

Dessa forma, a experiência vivenciada no IFMT – Campus São Vicente, em articulação com o NEABI e as comunidades parceiras, fortalece o compromisso com uma escola pública, democrática e socialmente referenciada, que reconhece a diversidade como princípio educativo e a justiça social como horizonte ético. O Vozes Negras, portanto, não se encerra como um projeto isolado, mas como um movimento contínuo de escuta, resistência e transformação, que inspira outras iniciativas a seguirem o mesmo caminho.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394/96, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 15. ed. Campinas: Papirus, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração e Programa de Ação de Durban**. Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas. Durban, 2001.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

